

ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Uma história que vai fazer você questionar
onde termina a vida e começa a literatura

AMOSTRA



WAGNER R BOMFIM

Para adquirir o livro completo acesse livrowagner.com.br

ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Uma história que vai fazer você questionar onde termina a vida e começa a literatura

Autor: Wagner R Bomfim

DEDICATÓRIA

Aos pilares da minha vida:

Meus Pais: Nair Romano Bomfim e Edvaldo Correia Bomfim, cujo amor e ensinamentos são a base de tudo que sou.

Meus Filhos: Wictor Santana Bomfim, Mirian de Castro Bomfim

e Raissa de Castro Bomfim, minha maior razão para seguir em frente.

Minha Esposa: Natalia Rodrigues de Castro Bomfim, minha companheira de todas as batalhas.

E a todos que buscam recomeçar: que minha história seja um farol de esperança em seus momentos mais escuros.

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

AVISO

Esta é uma obra de literatura que mistura fatos reais com elementos ficcionais. Alguns nomes de personagens e situações foram adaptados para fins narrativos. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

CARTA AO LEITOR

Querido leitor,

Se este livro chegou até suas mãos, sou eu mesmo, Wagner, que estou falando com você. Decidi contar minha história diretamente, do meu jeito, com minhas palavras. Porque algumas coisas são tão profundas que só fazem sentido quando a gente mesmo conta.

Aqui você vai encontrar minha vida - as partes bonitas e as dolorosas também. Misturei um pouco de ficção para proteger algumas pessoas e para dar mais cor à narrativa, mas o essencial é tudo verdade. Minha verdade.

Espero que minha jornada te inspire a continuar a sua, mesmo quando tudo parecer perdido.

Com gratidão,
Wagner R Bomfim

Para adquirir o livro completo acesse: livrowagner.com.br

PREFÁCIO

Conheci Wagner pessoalmente quando ele já estava no Ceará. Me contou pedaços dessa história sentado na varanda de sua casa, enquanto o pôr do sol pintava o céu de laranja. Havia uma paz em seus olhos que só quem passou por grandes tempestades pode ter.

Este livro é a voz dele, sua maneira única de ver a vida. É corajoso, é verdadeiro, é humano.

Prepare-se para ouvir uma história contada por quem viveu cada linha.

Um amigo que acredita no poder das histórias

SUMÁRIO

CAPÍTULOS 1-10: AS RAÍZES E OS PRIMEIROS TOMBOS

1. O Chamado da Serra
2. O Menino Que Aprendia com o Vento
3. O Sítio Que Guardava Segredos
4. A Primeira Vez Que Me Senti Livre
5. A Música Que Me Salvou
6. As Amizades Que Viraram Irmandade
7. O Motoclube e a Estrada
8. O Acidente Que Mudou Minha Cabeça
9. O Amor Que Nasceu e Morreu
10. O Dia Em Que Me Tornei Pai

CAPÍTULOS 11-20: DOR, PERDAS E RENASCIMENTOS

11. A Culpa Que Eu Não Sabia Carregar
12. A Cirurgia Que Quase Me Levou
13. O Recomeço Que Eu Não Planejei
14. A Mulher Que Mudou Minha Vida
15. Nossa Casa de Poucos Móveis e Muito Amor
16. O Milagre Chamado Mirian
17. O Pior Dia da Minha Vida
18. As Lágrimas no Chão do Hospital

19. O Nome da Alergia e o Peso do Medo
20. O Sol Que Nasceu No Meio da Pandemia

CAPÍTULOS 21-30: AS PERDAS QUE QUEBRAM E A FÉ QUE SUSTENTA

21. O Amor Que Balança Mas Não Cai
22. A Morte do Meu Pai
23. O Adeus Que Não Aceitei
24. A Partida da Minha Mãe
25. O Fundo do Poço
26. O Chamado Que Veio de Dentro
27. A Decisão Que Ninguém Entendeu
28. A Estrada Até o Ceará
29. O Silêncio da Serra
30. Um Novo Começo

CAPÍTULOS 31-40: REVELAÇÕES, FICÇÃO E DESTINO

31. O Menino Que Carrega Meu Nome
 32. As Perguntas Que o Vento Trazia
 33. Sinais Que Não Podem Ser Só Coincidência
 34. O Homem Misterioso da Estrada
 35. O Segredo Que Mudou Tudo
 36. O Dia Em Que Entendi Meu Pai
 37. A Conversa Que Tivemos Sem Voz
 38. O Perdão Que Eu Demorei a Dar
 39. O Futuro Que Começa Aqui
 40. Onde a Realidade Encontra a Ficção
-

CAPÍTULO 1 – O CHAMADO DA SERRA

A luz alaranjada dos postes entrava pela fresta da cortina, desenhando listras pálidas no chão do quarto. Eu me virava na cama, incapaz de encontrar uma posição confortável. São Paulo não dormia lá fora - o ruído constante da cidade era como um zumbido permanente nos ouvidos, um som de fundo que a gente só nota quando ele para. E ele nunca parava.

Naquele terceiro giro no travesseiro, fechei os olhos com força, tentando forçar o sono que teimava em não vir. E foi então que aconteceu. Não foi como adormecer, foi como ser transportado. De repente, não estava mais no meu quarten em São Paulo, mas sim em pé numa estrada de terra vermelha, tão vermelha que parecia sangrar sob meus pés descalços.

Olhei em volta, e a vista me tirou o fôlego. Serras verdes se erguiam ao redor, suas encostas cobertas por uma vegetação densa e vibrante. O céu acima era de um azul profundo e limpo, sem uma nuvem sequer, sem a névoa poluída que eu conhecia. O ar... o ar era diferente. Cheirava a terra molhada, a mato fresco, a flores silvestres, e algo mais, algo que eu não conseguia nomear mas que me era estranhamente familiar.

Caminhei pela estrada, a terra macia sob meus pés. À distância, avistei uma casa simples, com varanda e redes balançando preguiçosamente. De dentro vinha um cheiro que me fez o estômago roncar - café coado na hora, daqueles que deixam a casa toda perfumada. Uma voz suave, que eu reconheci

imediatamente, chamou: "Estamos te esperando, Wagner". Era a voz do meu pai, que já havia partido há alguns anos.

Quando acordei, estava sentado na cama, o coração batendo forte, as mãos suadas. Olhei para o lado - Natalia dormia profundamente, seu rosto sereno iluminado pela luz fraca que entrava pela janela. Lá fora, a cidade continuava seu ritmo incessante. Mas alguma coisa dentro de mim tinha mudado. Aquele sonho não era como os outros - ele tinha um peso, uma textura, um realismo que me perturbou profundamente.

No dia seguinte, no trabalho, não conseguia me concentrar. As imagens do sonho voltavam à minha mente a cada piscar de olhos. A estrada vermelha, as serras verdes, a casa simples, a voz do meu pai... Era como se eu tivesse visitado um lugar real, um lugar que existia em algum lugar, um lugar que me chamava.

No caminho para casa, peguei um trânsito particularmente caótico na Marginal Pinheiros. Enquanto os carros avançavam centímetro por centímetro, meu olhar foi capturado por um adesivo no carro da frente. Em letras azuis sobre fundo branco, lia-se: "Ibiapina - CE, onde o céu beija a serra". Um calafrio percorreu minha espinha. Ibiapina... era esse o nome que ecoava em meu sonho, embora eu não conseguisse me lembrar de tê-lo ouvido claramente.

Assim que cheguei em casa, ignorei o jantar que Natalia deixara aquecido para mim e corri para o computador. Minhas mãos tremiam ligeiramente enquanto digitava "Ibiapina Ceará" no

buscador. Quando as primeiras imagens apareceram na tela, senti as pernas fraquejarem e precisei me segurar na mesa.

Era exatamente o lugar do meu sonho.

A mesma estrada vermelha, as mesmas formações rochosas, as mesmas serras verdes, até as casas com varandas eram idênticas. Fiquei ali, paralisado, rolando as imagens, cada uma confirmando o que meu subconsciente já sabia - eu conhecia aquele lugar, mesmo nunca tendo posto os pés lá.

Natalia entrou no quarto e me encontrou ali, hipnotizado pela tela. "O que é isso, Wagner?", perguntou, com a voz ainda sonolenta. Ela usava meu roupão velho, e seu cabelo estava despenteado. Era uma visão tão normal, tão cotidiana, que contrastava violentamente com a agitação que eu sentia.

Como explicar? Como dizer à minha esposa prática, racional, que um sonho estava me chamando para um lugar a mais de dois mil quilômetros de distância? Que eu sentia uma saudade de um lugar que nunca havia visitado, uma conexão que não fazia sentido lógico?

"É nada, amor", menti, fechando o notebook rapidamente. "Só estava olhando uns lugares diferentes, pensando em possíveis destinos para nossas próximas férias."

Ela me olhou com uma expressão que não consegui decifrar - era ceticismo? Preocupação? - mas apenas balançou a cabeça. "O jantar está na mesa. E não esquece que temos aquela reunião na escola da Mirian amanhã cedo."

Nos dias que se seguiram, tentei ignorar o sonho, afastá-lo da minha mente como se fosse apenas mais um devaneio noturno. Mas os sinais continuaram aparecendo com uma frequência perturbadora.

No trabalho, um cliente mencionou casualmente que sua família era do Ceará. No rádio do carro, tocou uma música nordestina que eu nunca ouvira antes, mas cuja letra falava sobre "a estrada vermelha da serra". Num café com amigos, alguém comentou sobre um parente que se mudara para o interior e encontrado uma paz que nunca tivera na cidade grande.

E uma semana depois, tive o mesmo sonho novamente.

Desta vez, eu estava sentado na varanda da casa simples, e meu pai estava ao meu lado, tomando café. Ele me olhou nos olhos - seus olhos sérios que eu conhecia tão bem - e disse: "Sua mãe e eu estamos te esperando aqui, filho. Está na hora de voltar para casa."

Quando acordei, tinha lágrimas escorrendo pelo rosto. Natalia acordou com meu movimento e se preocupou. "Wagner, você está bem? Está chorando?"

Não consegui responder. Como explicar que estava chorando por um lugar que nunca visitara, por uma casa que nunca habitara, por uma sensação de lar que transcendia a lógica?

Naquele momento, deitado na cama com minha esposa preocupada ao meu lado, soube que não se tratava apenas de

um sonho recorrente. Era um chamado. E cedo ou tarde, eu teria que responder.

O que eu não sabia ainda era que esse chamado iria me levar não apenas a uma nova geografia, mas a uma jornada de autodescoberta que iria desafiar tudo o que eu pensava saber sobre mim mesmo, sobre minha família, sobre o significado de "lar".

E assim começou minha história - não com um grande evento dramático, mas com um sussurro noturno, com uma imagem que se recusava a desaparecer, com uma saudade por um lugar que minha alma reconhecia mesmo quando minha mente duvidava.

O chamado da serra havia soado. E minha vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 2 – O MENINO QUE APRENDIA COM O VENTO

Antes de me tornar o homem atormentado por sonhos de serras distantes, eu fui um menino que cresceu sob o céu cinza de São Paulo. Mas mesmo na imensidão de concreto da capital, encontrei minhas próprias formas de liberdade e aprendi lições que carregaria para toda a vida.

Lembro-me vividamente da nossa casa no bairro do Ipiranga, com seu pequeno quintal onde meu pai cultivava suas orquídeas com devoção quase religiosa. Era ali, entre aquelas flores exóticas que pareciam tão deslocadas na paisagem

urbana, que eu aprendi meu primeiro grande ensinamento sobre responsabilidade e perdão.

O compasso de madeira escura do meu pai repousava sobre sua mesa de trabalho como um objeto sagrado. Herdado do meu avô, ele tinha marcas de uso que contavam histórias de gerações - cada risco na madeira falava de um projeto concluído, cada mancha no metal testemunhava horas de trabalho cuidadoso. Para mim, menino de dez anos curioso, aquele compasso era um objeto de fascinação irresistível.

Num sábado ensolarado de 1993, enquanto meu pai cuidava de suas orquídeas no quintal, eu resolvi examinar mais de perto o famoso compasso. Subi na cadeira de sua mesa de trabalho e peguei o objeto com as mãos trêmulas. Era mais pesado do que imaginava, e sua superfície era suave ao toque, polida por décadas de uso.

Comecei a traçar círculos imaginários no ar, imaginando que era um grande arquiteto desenhando edifícios magníficos. Em meu entusiasmo infantil, não percebi que o compasso escorregava de minhas mãos até ouvir o som seco do metal atingindo o piso de cerâmica. O compasso se abriu em duas partes, uma das pernas de metal quebrada claramente ao meio.

O silêncio que se seguiu foi mais aterrorizante que qualquer gritaria. Meu coração pareceu parar, e as mãos ficaram instantaneamente suadas. Imaginei a decepção no rosto do meu pai, a bronca que certamente viria, a confiança quebrada entre nós.

Quando meu pai entrou na sala, atraído pelo barulho, seus olhos sérios percorreram o compasso quebrado no chão e depois repousaram em mim. Preparei-me para o castigo, para a repreensão, para o fim da confiança que ele depositava em mim.

Mas o que aconteceu em seguida me marcaria para sempre.

Em vez de gritar ou me punir, meu pai se ajoelhou ao meu nível, seus joelhos estalando com o movimento, e recolheu as peças com mãos cuidadosas. "Ferramentas podem ser substituídas, Wagner", ele disse com uma calma que me deixou mais confuso que aliviado. "O importante é que você entenda que cada coisa tem seu valor e cuidado."

Passamos a tarde inteira consertando o compasso juntos. Meu pai me mostrou como lixar as bordas quebradas, como misturar a cola especial para metal, como alinhar as peças perfeitamente. Enquanto trabalhávamos, ele me contou sobre a história do compasso - como pertencera ao meu avô, que o usara para projetar a casa da família no interior, como sobrevivera a uma enchente que destruiu a oficina do meu bisavô, como testemunhara gerações de homens da nossa família criando, construindo, consertando.

Enquanto ajustávamos a última peça, tive uma estranha sensação. Por um instante que durou menos que um piscar de olhos, vi-me adulto, dirigindo por uma estrada de terra vermelha sob um céu azul intenso. Um homem idoso estava sentado à beira da estrada e acenou para mim, como se me

esperasse há tempos. A imagem desapareceu tão rápido quanto chegou, mas a impressão de déjà vu permaneceu por dias, uma coceira mental que eu não conseguia coçar.

Naquela noite, deitado na cama, ouvi meus pais conversando na cozinha. Minha mãe dizia: "Ele está aprendendo, Edvaldo. Como você aprendeu com seu pai." E meu pai respondia: "Sei, Nair. Mas espero que ele aprenda mais rápido que eu."

Aquela conversa, ouvida às escondidas, me fez entender que havia aprendido muito mais do que consertar um objeto naquela tarde. Aprendi sobre responsabilidade, sobre perdão, sobre a beleza das segundas chances, sobre o peso e a leveza da tradição familiar.

Anos depois, já adulto, compreenderia que aquela tarde era um pequeno ensaio para a vida que estava por vir. Como meu pai dissera enquanto fechávamos a última peça do compasso: "Às vezes as coisas precisam quebrar para entendermos seu verdadeiro valor. Como as pessoas, filho. Às vezes precisamos nos despedir para entender o quanto amamos."

Na época, as palavras soaram como um mistério. Só muito mais tarde eu entenderia seu significado profundo.

CAPÍTULO 3 – O SÍTIO QUE GUARDAVA SEGREDOS

As férias escolares eram a época que eu mais aguardava durante minha infância. Era quando a família toda se reunia e íamos para o sítio da tia Sema, em Sorocaba. Aquele lugar era meu paraíso particular, um mundo à parte onde aprendi lições sobre simplicidade, conexão com a natureza e sobre as histórias que moram no silêncio dos lugares.

A viagem até lá já era uma aventura em si mesma. Acordávamos antes do sol nascer, e eu ficava com o rosto colado na janela do carro, observando a cidade dar lugar gradualmente aos campos e depois às paisagens rurais. Quando o portão de madeira do sítio aparecia à distância, meu coração acelerava de pura felicidade.

O sítio era um universo completo em miniatura. Havia galinhas ciscando livremente, vacas pastando placidamente, porcos rolando na lama, e uma infinidade de pés de frutas espalhados pelo terreno. Minha prima mais velha, Carla, era minha guia nesse mundo novo. Ela me ensinou a distinguir as árvores pelos formatos das folhas, a reconhecer os pássaros pelos cantos, a saber quando a chuva estava chegando pelo cheiro do vento e pela pressão no ar.

Lembro-me de uma tarde em particular. Eu devia ter uns doze anos. Estava sentado debaixo de uma mangueira centenária, observando as formigas carregando folhas para seu formigueiro, quando meu pai se aproximou e se sentou ao meu lado no tronco caído que servia de banco.

"Você gosta muito daqui, não é, Wagner?", ele perguntou, seu olhar seguindo o meu para as montanhas ao longe.

"É o melhor lugar do mundo, pai. Aqui a gente pode respirar."

Ele sorriu, um daqueles sorrisos raros que iluminavam seu rosto normalmente sério. "Sabe, meu avô - seu bisavô - tinha um sítio no interior do Ceará. Dizem que era um lugar lindo, com serras que pareciam tocar o céu e rios de água tão cristalina que você podia ver o fundo."

Aquela foi a primeira vez que ouvi falar do Ceará de forma pessoal, não como um ponto no mapa na escola, mas como um lugar que fazia parte da minha história familiar.

"Por que a gente nunca foi lá, pai?", perguntei, curioso.

Ele olhou para o horizonte, e seus olhos pareciam ver algo muito distante, algo que eu não conseguia enxergar. "A vida nos levou para outros caminhos, filho. Meu avô veio para São Paulo durante a Grande Seca, trabalhou duro, criou a família aqui. As conexões com a terra dele foram se perdendo com o tempo." Ele fez uma pausa, e eu vi uma sombra de tristeza passar por seu rosto. "Mas quem sabe um dia..."

A conversa foi interrompida pelo chamado da minha tia para o almoço, mas a semente havia sido plantada. O Ceará deixou de ser apenas um nome no mapa para se tornar um lugar que habitava os sonhos do meu pai - e, sem que eu soubesse, começou a habitar os meus também.

No sítio, aprendi que a terra não é apenas solo, mas memória. Que cada árvore carrega histórias em seus anéis de crescimento, cada animal ensina sobre cuidado e responsabilidade, cada riacho canta canções antigas que falam de tempos passados. Aprendi o valor do trabalho manual, o prazer de colher o que se plantou, a paz que vem do contato com a natureza.

Essas lições de simplicidade e conexão ficariam guardadas em mim como tesouros preciosos, esperando o momento certo para florescer e me guiar de volta às minhas origens.

CAPÍTULO 4 – A PRIMEIRA VEZ QUE ME SENTI LIVRE

A adolescência chegou como um vendaval, trazendo consigo todos os questionamentos, rebeldias e descobertas típicas dessa fase turbulenta. Foi nesse período de transformação que descobri uma das minhas maiores paixões: a liberdade sobre duas rodas.

Meu primeiro contato com uma moto aconteceu quase por acaso. Um amigo do colégio, Ricardo, tinha uma Honda CG 125 do pai. Num fim de semana qualquer, ele me convidou para dar uma volta pelo bairro. Quando subi na garupa e a moto começou a se mover, senti algo que nunca havia experimentado antes - uma sensação de liberdade tão intensa que quase doía.

O vento batendo no rosto, a paisagem passando rapidamente, a sensação de estar voando sem sair do chão - era mágico. Naquele momento, entendi que as estradas não eram apenas

para chegar a lugares, mas para se encontrar, para pensar, para sentir-se vivo.

Convenci meu pai a me deixar fazer aulas de moto, argumentando que seria útil para me locomover até a escola e o trabalho. Quando completei dezoito anos e consegui minha primeira moto - uma velha Bros que comprei com minhas economias de meses trabalhando numa locadora de vídeo -, pensei que tinha conquistado o mundo.

As estradas se tornaram minha terapia. Nos fins de semana, pegava a moto e simplesmente seguia, sem destino certo, explorando cantos escondidos de São Paulo que a maioria das pessoas nem sabia que existiam. Descobri estradas rurais que serpenteavam entre fazendas, povoados que o tempo havia esquecido, vistas deslumbrantes escondidas atrás de montanhas de concreto.

Numa dessas aventuras solitárias, conheci um grupo de motociclistas que se reunia aos domingos em um posto de gasolina na saída para o interior. Eles me aceitaram como um irmão mais novo, e logo eu fazia parte do "Águia Negra", meu primeiro motoclube.

Eram homens e mulheres de todas as idades e profissões - um marceneiro, uma professora, um engenheiro, um pintor - unidos pelo amor à estrada. Aprendi com eles que motoclube não era apenas sobre motos - era sobre irmandade, sobre cuidar uns dos outros, sobre parar no acostamento para ajudar

um desconhecido, sobre compartilhar não apenas estradas, mas histórias de vida.

O velho Samuel, o membro mais antigo do clube com seus sessenta anos bem vividos e sua Harley customizada, tornou-se uma espécie de mentor para mim. "A estrada ensina, Wagner", ele me disse numa de nossas primeiras viagens juntos. "Ensina sobre perseverança, sobre saber quando acelerar e quando frear, sobre confiar no seu instinto. São lições que servem para a vida toda."

Ele não sabia o quanto aquelas palavras seriam proféticas. As lições que aprendi na estrada - paciência, atenção aos sinais, cuidado com os companheiros, coragem para seguir adiante mesmo quando o caminho é incerto - me preparariam para jornadas muito maiores que eu poderia imaginar.

Foi também nas estradas que comecei a ter os primeiros vislumbres do que mais tarde reconheceria como meu chamado. Nas longas retas rurais, com o vento cantando nos ouvidos, minha mente vagava livre, e imagens de serras verdes e estradas vermelhas começavam a surgir como sonhos acordados. Na época, eu as atribuía à imaginação fértil de um jovem sonhador. Só muito depois entenderia que eram sussurros de um destino que me aguardava.

CAPÍTULO 5 – A MÚSICA QUE ME SALVOU

O ano era 1998, e eu tinha quinze anos - uma idade complicada, cheia de mudanças, descobertas e uma inquietação constante

que não sabia nomear. Foi nesse contexto que a música entrou na minha vida não como entretenimento, mas como salvação.

Num ônibus lotado, voltando da escola sob uma chuva fina que tornava o vidro embaçado e o mundo lá fora uma pintura impressionista, encontrei uma fita cassete caída entre os bancos. A capa simples, desgastada pelo uso, mostrava um homem com dreadlocks e um sorriso tranquilo que parecia conter todos os segredos do mundo. Bob Marley - Legend.

Naquela noite, trancado no meu quarto enquanto a chuva batia contra a janela, coloquei a fita no velho radinho de pilhas que ganhara do meu avô. Quando "Redemption Song" começou a tocar, algo dentro de mim se desprende e realinhou. Era como se as palavras falassem diretamente com minha alma inquieta, puta adolescente que era. "Emancipate yourselves from mental slavery, none but ourselves can free our minds" - a mensagem de libertação mental ressoou em mim com uma força que não conseguia explicar.

Na semana seguinte, descobri que alguns colegas da escola também curtiam reggae. Começamos a nos reunir nas garagens, nos quintais, onde houvesse espaço - nossos "luais", como chamávamos esses encontros. O cheiro de incenso misturava-se ao aroma do café fervendo, o toque das cordas do violão era nossa trilha sonora, e as conversas se estendiam até a madrugada, abordando tudo desde política até espiritualidade, dos dramas adolescentes aos sonhos mais ousados.